

A saga de um Militão: o sertanejo e a Uiara, na Amazônia de Octávio Sarmiento

Alexandre da Silva Santos¹

O artigo é o resultado de um estudo por meio de natureza literária a respeito do processo de hibridização cultural, na Amazônia, a partir do poema “Uiara”, de Octávio Sarmiento, do livro *Uiara e outros poemas*. Será entendido o trajeto do personagem Militão como uma saga, por entender que ele está perdido e atormentado e atinge o ápice da caminhada no encontro com os encantos da entidade de água doce até abraçar a morte. O poema apresenta o contexto amazônico durante o período da borracha e externaliza o imaginário da região como um dos elementos de formação de identidade cultural. Para tanto, o desenvolvimento deste diálogo com Souza (2010), Eaglaton (2003), Ménard (1991), Filho (2000), Brandão (2003) e Said (1993).

Palavras chave: Literatura, Sertanejo, Uiara.

1 INTRODUÇÃO


O que compartilhamos com o outro ou dele utilizamos de forma direta ou indireta para nosso respectivo processo de formação de identidade, e mais além, como isso conflui no coletivo cultural?

A colonização e a respectiva ocupação da Amazônia por viés da exploração trouxe à realidade um "espetáculo" do etnocídio, consoante afirma Souza (2010) frente aos grupos indígenas que dominavam o trânsito ao longo do rio e floresta, bem como o caboclo, que oriundo de mestiçagem também se viu marginalizado e inserido no mesmo contexto de silenciamento cultural oriundo do período da borracha. Desse modo, o estudo em questão surgiu por meio de uma investigação literária a respeito do processo de hibridização cultural e a sua respectiva compreensão, isto é, compreender esse na Amazônia, região que ainda possui algumas marcas de marginalização social estabelecida por parâmetros de práticas culturais que passavam uma visão distorcida sobre as particularidades desse território, ajudando a construir uma imagem exótica do Norte do Brasil.

Por conseguinte, essa análise propõe a compreensão do poema "Uiara", de Octávio Sarmiento, de 2007, após textos serem reunidos pelo poeta Zemaria Pinto².

¹ Discente do curso de mestrado em Letras, em Estudos Literários, pela Universidade Federal do Amazonas – UFAM. E-mail: alexandresantosp@gmail.com

² Organizador da obra.




Logo, homens e mulheres, indivíduos em experiências próprias, construíram um caminho para a sobrevivência num mundo duro, violento e árido como o chão de onde partiram. Nessa jornada, Militão, personagem de Sarmiento (2007) é a representação de perdas e abandonos, ressignificações de identidades e papéis sociais, moldando-se conforme interesses em terras amazônicas.

Nesse sentido, a partir do caminho de Eaglaton (2003) que diz ser cultura “uma recusa ao determinismo orgânico e, por outro lado, a recusa da autonomia do espírito”; implica em dizer que nós, seres humanos, não somos meros produtos do ambiente, mas tampouco esses ambientes funcionariam como pura argila para automoldagem arbitrária. Com isso, cultura diz respeito a tudo aquilo que caracteriza a existência social de um povo e esse é o norteio apresentado nesse estudo. Em outras palavras, é o legado imaterial e material herdado de uma geração a outra de práticas de crenças, símbolos, costumes e hábitos de um povo.

Assim, no desenrolar da narrativa textual do poema “Uiara” realizada pelo poeta Octávio Sarmiento (2007), Militão encontra-se perdido e atormentado no momento em que presencia a sereia Uiara, esta um dos elementos de composição do imaginário mitológico amazônico. Como consequência, o personagem cai nos encantos da entidade e abraça a morte. Nisso, percebe-se que Militão é a representação de um indivíduo que está inserido numa lógica social, dentro de um contexto cultural, isto é, a lenda das sereias. A presença dessas entidades na literatura é uma das tradições ainda presentes nesse tipo de criação da escrita, tenha-se com exemplo a obra em análise e ao passado os versos de Homero, em Odisseia. Diante disso, mescla-se a esse poema épico-narrativo de forte apelo regional a saga de um cearense (Militão), em que a jornada é o espelho de um vasto painel da vida amazônica no início do século XX, cujo cenário se descreve por um Brasil exportador de toneladas de borracha, principalmente para as fábricas de automóveis norte-americanas, no final do século XIX.

Esse cenário expõe um período da história da região local em que as principais produtoras de borracha eram os estados do Pará e Amazonas, utilizando a extração do látex das seringueiras para obtenção de lucros mediante a exportação do produto, acarretando em um surto repentino de riqueza da parte dos donos dos seringais e de abalo psicológico das parte dos seringueiros. Nesse contexto, essa rápida expansão da produção de borracha atraiu grande quantidade de trabalhadores para a região,



principalmente, nordestinos que fugiam da seca e estavam em busca de melhores condições de vida, era os retirantes da seca, nas palavras de Candido (2014).

Para que fosse possível realizar essa reflexão sobre o tema desenvolvido, foi elaborado um estudo de abordagem bibliográfica, adotando o método dos fichamentos para compilar os dados necessários a serem descritos com mais detalhes em “Material e método”. Por fim, pretende-se que este estudo sirva de alguma forma aos interessados na relação Literatura, História e Imaginário, frente aos estudos culturais quanto interpretações básicas sobre cultura e hibridismo cultural, para que haja a percepção de que o sentido é construído pelas condições ideológicas e culturais, visto que entendê-los é fundamental para a compreensão da realidade.

2 A SAGA DE UM MILITÃO


2.1 Octávio Sarmiento

Um dos membros fundadores da Academia Amazonense de Letras, o poeta Octávio Sarmiento é um dos grandes escritores desconhecidos da História da Literatura, não por falta de talento literário, mas pelo fato de os estudiosos – até pouco tempo – o deixarem neste limbo. Nascido em Manaus, a 30 de novembro de 1879. Era filho do coronel Joaquim Sarmiento, figura de relevo na política amazonense na segunda metade do século XIX. Em 1904, após ser aprovado em curso da Escola Superior de Guerra do Exército, no Rio de Janeiro, ingressou na Força Policial do Amazonas, onde fez carreira, chegando a Comandante, posto que ocupou por menos de 30 dias.

Seus versos, em vida, não foram reunidos em uma obra, foram depois organizados e publicados sob o título de “Uiara e outros poemas” pelo poeta Zemaria Pinto³, decorrente de uma série de estudos promovidos em 2006 pela Academia Amazonense de Letras em forma de palestras. Sarmiento (2007) é daqueles poetas que sabem manusear as técnicas literárias, tais como o uso de decassílabos e de uma linguagem metafórica forte para descrever o ambiente do sertão, o homem e as dificuldades que o mesmo passa.

A literatura produzida em Manaus, nos meados de 1917 oscila entre o culto ao exótico e à forma; em uma linguagem que busca o efeito parnasiano da perfeição da

³ Membro da Academia Amazonense de Letras, ALL.



estética literária. Em paralelo a isso, essa mesma Amazônia estava dividida entre dois grupos: de um lado, os “edenistas”, cujos temas têm como preferência a opulência da floresta; e de outro, os “infernistas”, que em suas propostas pintam a paisagem amazônica como um verdadeiro inferno verde, consoante afirma Ypyranga (1977).


Naquele contexto, Manaus vivenciava o período conhecido como “ciclo da borracha”, ocorrido em meados de 1870, no Brasil República, e serviu de matéria-prima para produtos que iam do vestuário até pneus de automóveis e aviões. A mão-de-obra utilizada para a extração do látex nos seringais era feita com a contratação de trabalhadores vindos, principalmente, da região Nordeste. Nisso, os seringueiros adotavam técnicas de extração indígenas para retirar uma seiva da seringueira que depois era transformada na goma utilizada na fabricação de borracha. Não constituindo em uma modalidade de trabalho livre, esses estavam submetidos ao poder de um “aviador”, ou seja, o intermediário contratante da mão de obra e o seringalista.

2.2 Militão

Nas palavras do poeta, sobre o personagem Militão e o que ele representa pode ser melhor entendido no contexto descrito abaixo. Ele era um indivíduo cujo:

...olhar por sobre a límpida amplidão
Buscava Militão – o sertanejo
Imerso em mágoa e num pesar tremendo,
Em torno, a terra, já despida e rasa
Da farfalhante e vivida folhagem,
Prostrada está; nem a mais leve aragem
Passa fugaz trazendo, na asa mansa
O sinal de uma tímida esperança!
A fugitiva gente do sertão,
A multidão faminta e seminua
Compreende que é chegado o duro instante
De se furtar à dor que a alma lhe invade
Do adeus dizer a esse infeliz lugar
- Outrora ninho da felicidade...

(SARMENTO (2007, p.53-54)



Nos versos acima, pode-se perceber o conflito de um ambiente cuja marca central é a dor e o desejo de se libertar dela; esse indivíduo entende-se a mudança como necessária para livrar a alma da fome e outras mazelas que o castigava. O poeta, ciente da situação cultural e factual do sertanejo, externaliza no poema o desejo desse homem em conhecer uma realidade social e cultural diferente. Logo, evidencia-se no texto poético as manifestações culturais em diferentes classes e/ou grupos; tais expressões visam e ajudam a entender um traço da história do sertanejo: o desejo de mudança diante das adversidades.

Assim, as marcas sociais e culturais presentes no trecho acima, passam a ser entendidas como um recorte de uma realidade factual para dimensionar a condição existencial em que se essa camada da população brasileira vivenciou no período de 1877 a 1915, época de grandes cheias e migrações para outras regiões do Brasil. Nesse contexto, quando Militão chega ao Amazonas, durante a viagem tem a impressão de ouvir vozes doces de uma mulher cantam, ao longe, saindo da floresta. Ela representa no poema um elemento simbólico a ser explicado mais adiante. Segundo Ménard (1991), as sereias eram consideradas musas da morte, eram célebres pela doçura do canto, elas passavam a vida em rochedos, onde faziam morrer os navegantes atraídos pelo seu canto. Como registrou Sarmiento: ela é a “Dura face, lívida e tranquila / Não transparece a dor que lhe aniquila / O amargurado e triste coração” (SARMENTO, 2007, p. 47).

Esse elemento do imaginário é um dos constituintes da identidade amazônica é à medida que vá fazendo contato com o personagem, fará parte da realidade de Militão ao refletir um misto de sentimentos de frustração, desamparo, solidão, saudade da terra natal, e opressão da floresta ao estrangeiro, e principalmente, revelará o resultado de práticas de exploração do sistema de econômico vigente na região, provocando o suicídio dos seringueiros. Dessa forma, uma preocupação contemporânea sobre a referente reflexão está em entender os muitos caminhos que conduziram os grupos humanos às suas relações presentes e suas perspectivas de futuro. O desenvolvimento da humanidade está marcado por contatos e conflitos entre modos diferentes de organizar a vida social, de se apropriar dos recursos naturais e transformá-los, de conceber a realidade e expressá-la.

A história registra com abundância as transformações por que passam as culturas, seja movida por suas forças internas, seja em consequência desses contatos e conflitos, mais frequentemente por ambos os motivos. À medida que se compreende


as variações de cultura que formam uma só, há a construção de um contexto mesclado entre cultura e civilização, haja vista as particularidades de cada uma. Mediante o exposto, quando a cultura é expressa, temos o cenário representado por Sarmiento em um trecho do poema em análise, numa construção do imaginário do inferno verde:

Vai finda a safra: um ano já é passado
Que multidão o seu tristonho fado
Arrasta pela selva, dia a dia,
Vivendo dessa mágoa que se encrava
Em sua alma e do peito irradia.
Cedo, guiado pelo bom Alfredo,
Aprendeu a vibrar a machadinha
No tronco heril da seringueira; cedo,
Aprendeu a colar a tigelinha
Nas chagas de onde escorre, em vez de sangue
Rubro, o sangue do látex claro e langoe...
(SARMENTO, 2007, p. 72)

É evidente que esse trecho é um fato da história contemporânea do Amazonas e reflete a cultura do trabalho no seringal e as consequências ao corpo e à mente de indivíduos que chegavam repletos de sonhos e depois passariam a conviver com a saudade, a dor, até chegar ao surto derradeiro. Assim, entende-se a realidade cultural, conforme descrito nos parágrafos anteriores, num período histórico, em diálogo com a Literatura, um sertanejo “Com pulso rijo e mão firme e certa, / E golpes vários, a rugosa casca; / junto às bordas das múltiplas feridas...” (SARMENTO, 2007, p.73). Esse indivíduo agora faz parte da cultura do seringal. Como o processo cultural também pode ser entendido como “civilização”, ela tanto nos instrui a um estilo de neutralidade de vida quanto esclarecimento de um estilo de vida, diz-nos que somos construtores e representantes de um mesmo fenômeno humano.

Nisso, a relação de uma cultura na outra envolve em uma compreensão de variedades do fenômeno humano, partindo da premissa de que todas as culturas são equivalentes. Por conseguinte, há um registro de um traço dessa nos versos:

A linda Uiara, lúbrica e nefasta!...
Desta se diz distende albente e mago,
Ela surge, do rio à margem curva,
Ou no seio aromal do escuro lago,
Que, em meio à selva, se espreguiça e encurva...
E canta: sua voz, como uma prece




De amor se escuta e sobe pelo espaço
Em acentos frementes, voluptuosos,
O homem chamando, embevecido e lasso,
Para um leito de sonhos e de gozos!...
(SARMENTO, 2007, p.70)

Nesse contexto, a riqueza de formas das culturas e suas relações falam bem de perto a cada um de nós, já convidam a que nos vejamos como seres sociais, nos fazem pensar na natureza do todo social de que fazemos parte. A sereia se anuncia. À medida que Militão escuta a voz das sereias, nunca mais verá a esposa, nem os filhos queridos os quais, no entanto, ficariam contentíssimos com o seu regresso, uma vez estivessem vivos⁴; ele sendo vítima dessa entidade, irá se juntar à família em ossada e carne ressecadas. (Ménard apud Homero, 1991, p. 63). O sertanejo sofrerá o choque cultural dilacerando sua existência, uma vez em conflito e tortura com saudade da terra, lembrança da esposa morta e da solidão como companhia. Essa simbolização permite conhecer também uma cultura, ou fornecer dados relevantes para o entendimento de uma, a fim de que os elementos inseridos revelem elementos constituintes de uma identidade e justifiquem transformações ao qual grupos sociais estão submetidos.

Dessa forma, é importante considerar a diversidade cultural interna à nossa sociedade; isso é de fato essencial para compreendermos melhor o país em que vivemos. Mesmo porque essa diversidade não é só feita de ideias; ela está também relacionada com as maneiras de atuar na vida social, é um elemento que faz parte das relações sociais no país. Como diz Sarmiento (2007):

Ai do triste e novato caçador
Que se deixa levar ao traiçoeiro
Império dessa voz cheia de amor,
Que a coragem quebranta e a alma arreбата!...
Rompendo brenhas e rompendo mata,
Ou do rio sulcando a onda ligeira,
Ele vem entregar-se à feiticeira,
À tentadora hiena que o seduz!...
(SARMENTO, 2007, p.71)

⁴ Na partida para o Amazonas, Militão perde a esposa e filhos, vítimas das mazelas naturais e acidentais que o ambiente provoca.




O que se pretende ao expor tal relação entre Literatura, Cultura, História e Imaginário em uma representação de uma das realidades amazônicas é externalizar o espelho das confluências de identidade formadoras do indivíduo que vive na região amazônica.

Nisso, um dos elementos que justificam a formação cultural de um povo é explicado por Américo Pellegrini Filho (2000), em “Literatura Folclórica”, por apresentar o maravilhoso, ou seja, por serem esses aspectos compositores da poética de um coletivo, criações, sendo essas “...tiradas sobrenaturais, impossíveis, fantásticas, sobre-humanas, porém tratadas como perfeitamente normais” (FILHO, 2000, p. 91). Um dos exemplos desse sobrenatural, a lenda, por ser uma narrativa que “não apresenta um personagem constante (...), é isolada, refere-se a um fato localizado” (Ibidem). Assim, nesse tipo de Literatura, constata-se a existência de um personagem ficcional que não pode ser encontrado em um só ambiente, espaço ou trama. Ele é um peregrino conhecedor de todas as possibilidades que o fazer literário pode alcançar.

Dessa forma, essa peregrinação em um ambiente hostil, pode também ser entendida como a automoldagem cultural desse Militão, refém de uma sereia, de uma entidade pertencente ao imaginário e uma das representações do cultural amazônico. Logo, no poema “Uiara”, de Octávio Sarmiento, percebe-se como o protagonista, um sertanejo que pode ser considerado como uma representação do homem nordestino na época do ciclo da borracha, veio para o Amazonas em busca de melhores condições de vida. Ele se vê ora em sua terra de origem, ora na floresta amazônica, perdido no infinito de seu abismo existencial, decepcionado por não conseguir fartura e riqueza.

Com isso o próprio conhecimento da realidade, responsável pelas imagens pressupõem na inclusão de suas formas em categorias conceituais que não se confundem com as coisas exteriores à estrutura do poema, e quando atinge o status de representação de uma cultura, tornar-se a convicção de uma crença, cuja base é o controle feito sobre uma invenção de cultura – causa da experiência e choque cultural. (EAGLATON, 2003, p. 77). Desse modo, pelo fato de as lendas fazerem parte do conjunto do que é Folclore (Imaginário), entendido na perspectiva de Brandão (2003, p. 15) como: “Ditos que as pessoas repetem, de uma sabedoria de autor sem nome. Estabelece-se um diálogo com a Literatura numa relação absolutamente peculiar e específica, porque conforme afirma Propp (1984, p. 8) “o estudo dessa poética desvendará belezas artísticas extraordinárias”.




Durand (2001) informa a este respeito que os sujeitos destas culturas possuem um papel dinâmico na operação de símbolos e construção de um imaginário que lhes é peculiar, cujo resultado é processado e mimetizado pela poesia. Assim, Octávio Sarmiento dá uma característica diferente de sereia já adotada pela literatura, a grega, principalmente; ela passa a ser a “lúbrica e nefasta”, a mulher sensual que provoca Militão, longe do falo (esposa), ou seja, ela representa a morte pela vida da paixão a ser sinônimo de felicidade na realização do ato sexual... “Há nessa voz os tímidos lamentos / De um coração que sangra, e sofre, e chora, / [...] / Que flui em quentes vibrações, agora / Sobem eflúvios pérfidos do amor, / Do amor carnal, feroz...”. (SARMENTO, 2007, p. 45).

Portanto, pode-se entender, dessa forma, que Literatura é imaginário e cultura: constelação hipotética de imagens. Elas tanto podem se originar do mundo extratextual quanto podem resultar de apropriação de estruturas textuais pré-existentes à ficção que se constrói em dado momento em uma coletividade, constituindo sua respectiva identidade.

3 MATERIAL E MÉTODO

O presente estudo foi realizado por meio de um estudo bibliográfico, partindo das leituras iniciais da obra “Uiara e outros poemas”, de Octávio Sarmiento, publicado em 2007. Posteriormente leituras foram feitas concernentes aos estudos culturais, literatura e sociedade, teoria da literatura, tais como as de Souza (2010), em *Expressão Amazonense*; Eaglaton (2003), em *A ideia de cultura*; Filho (2000), em *Literatura folclórica*; Ménard (1991), em *Mitologia Grego-Romana*. Após essa etapa, realizou-se uma leitura informativa dos teóricos mencionados, obedecendo a exposição de Cervo & Bervian (1996) a respeito das coletas de dados por seleção, natureza reflexiva e interpretativa.

Logo após, foram construídos fichamentos de tais obras investigadas, com o propósito de sistematizar os dados obtidos para a realização de outras literaturas relacionadas à proposta do artigo, para enfim, compilar as informações necessárias, seguindo os passos de Fonseca (2010), considerando o contexto acadêmico e literário de épocas diferentes. Com efeito, o método adotado no estudo foi o dos Estudos de Expressão Amazônica. Como procedimento metodológico foi percorrido a análise de metáforas, expressão cultural, imagética, para apreender com precisão os elementos



literários do poema "Uiara". Por sua vez, as comparações realizadas objetivam explicar semelhanças e divergências dentro das mudanças que implicam os estudos sociais e culturais, no estudos em Literatura.


Desta forma, uma vez os textos lidos e organizados, produziu – se a análise temática, interpretativa e de síntese pessoal acerca do assunto abordado. Com isso, pôde ser feito um levantamento e discussão de problemas relacionados à mensagem obtida dos autores, no intuito de elaborar o presente estudo, cujo tema proposto em questão aborde uma reflexão dialética entre teóricos de Teoria da Literatura, conceito de Cultura, Cultura amazônica em sintonia com a produção literária desenvolvida no Amazonas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O valor que uma imagem tem adquirido é um forma de conhecimento, comunicação, isto é, através dos recursos simbólicos carregados no signo, nesse caso, o literário, expressa uma idealização, individualidade, crenças, narrativas orais e identidade de um coletivo. Assim, o poeta Octávio Sarmiento, em "Uiara", constrói uma imagem forte de sugestão de um Militão sufocado pelo inferno verde, após ter sonhado com a família, esperançosa que este volte e os retire das mazelas naturais do sertão, como se observa nos versos:

Cai-lhe ao longo do corpo, inerte e lasso...
Tenta ainda insistir; mas a fadiga
Todo o domina; então a sombra amiga
Da castanheira encontra e aí se deita.
E sonha: vê uma cadente estrada
Ao longe desdobrando a areenta risca
(...)
Ele vai entre os tristes retirantes:
Ao seu lado caminham, soluçantes,
Mãe e filha, no meio da fornalha
(SARMENTO, 2007, p.77-78).

Nesse contexto, a realidade primordial que a literatura assume, consiste na dramatização do ato de construir imagens. Por isso, será tratada como arte e não como




outra coisa. Afinal, ao produzir o texto, o artista inventa a imagem de um poeta que escreve ou de uma pessoa que fala como se fosse um artista escrevendo, entre outras possibilidades de enunciação ficcional. O exposto é observado em: “Da rude alma do triste sertanejo / Fluem também o pranto e a negra dor” (SARMENTO, 2007, p. 54); por meio da negatividade, alicerce da boa poesia, o poeta se vale do imaginário para “A alma infeliz em prantos mergulhada, / Cumprindo o seu fadário, estrada em fora” se prepara para o contato com elemento do mundo ficcional: a Uiara, conforme será visto adiante e entendimento (uma das ferramentas) do sertanejo Militão.

Quer-se dizer a quem deve investigar um texto poético, precisa considerar o grau de importância dos elementos combinatórios que participam da geração do sentido do poema, entendendo-o basicamente como resultado de um processo de correspondência discursiva e estabelecer um diálogo de representação da realidade, do espaço; afinal: “Vê Militão à porta da barraca / A fugitiva gente do sertão; / Procurando, no ignoto Além distante, / Um novo pouso onde, com a esposa e a filha, / Possa, contente, refazer seu lar”. (SARMENTO, 2007, p.55). Dessa forma: “O Folclore (imaginário) considera as narrativas tradicionais, costumes tradicionais, os sistemas populares de crenças e superstições assim como as formas populares de linguagem...” (BRANDÃO, 2003, p.28). Quando esses sistemas são compreendidos como fato cultural, em outras palavras, há uma simbolização conectada na representação do objeto e não uma mera descrição do mesmo. Em paralelo a isso, há uma invenção da realidade e seu respectivo controle por meio do imaginário e essa construção resulta num choque cultural por analogias.

Assim, em “Uiara e outros poemas”, de Octávio Sarmiento, pode-se perceber essa dialogicidade e dialética das imagens poéticas com o contexto social de Militão, o nordestino que vem à Paris dos trópicos, em um momento importante da economia local. Em outras palavras, a floresta e seus labirintos é o berço da morte daquele que não está preparado para ela. Pode-se perceber que o elo de ligação entre o imaginário e a realidade presentes no poema apresenta ao leitor dois lados do personagem: o lado positivo (o de desejar melhores condições de vidas para sua família) e o negativo (o estado de loucura pelo desejo reprimido do falo, refletido na imagem da lenda amazônica), características naturais dos símbolos enquanto projeção do imaginário humano.

Mediante as frustrações não mais suportadas pelo herói, tais como observado nos trechos: “A cacimba se mostra, alegre e aberta, / Da água fresca a fazer doce



oferta...” (SARMENTO, 2007, p. 43) – o prenuncio do tão esperado encontro entre o sertanejo e a sereia – que se realiza e tem o desfecho tradicional da lenda, a morte de quem por ela é seduzida. Eis a interpretação da saga de um Militão.

Vale-se ressaltar que o espaço onde a ação psicológica (antes do encontro do herói com a sereia) é invariável, ou seja, não muda de lugar: é em meio ao rio durante a viagem ou à margem do mesmo. Este detalhe confirma o conceito de lenda proposto por Filho (2000), cujo pensamento diz ser ela manifestações do maravilhoso e se refere, às vezes, a uma só pessoa, com a mesma localização geográfica. Em outras palavras, significa dizer que a presença da Uiara pode ser considerada como a ilusão do herói mediante a frustração (realidade) em conseguir sucesso na sua empresa ao chegar pelas terras amazônicas.

A Literatura é o espelho da sociedade, do inconsciente humano. A representação que ela traduz associa-se ao processo de apreensão da realidade e Cultura o choque dessa representação, uma invenção oriunda de um sincretismo. Ou seja, quer-se dizer que a realidade primordial da literatura consiste na dramatização do ato de construir imagens, por isso, será tratada como arte e não como outra coisa.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O que é folclore. 13ªed. São Paulo: Brasiliense, 2003. – (Coleção Primeiros Passos).

CANDIDO, Tyrone. Proletários das secas: arranjos e desarranjos na fronteira do trabalho (1877 - 1919). Tese de Doutorado em História, Universidade Federal do Ceará - UFC, 2014.

CERVO, Armando Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. Metodologia Científica. 3. ed. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1996.


DURAND, Gilbert. As estruturas antropológicas do imaginário. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

EAGLATON, Terry. A ideia de cultura. Lisboa: Atividades Editoriais, 2003.

FILHO, Américo Pellegrini. Literatura folclórica. São Paulo: Manila, 2000.

FONSECA, Luiz Almir Menezes. Metodologia científica ao alcance de todos. 4.ed. Manaus: Editora Valer, 2010.

MÉNARD, René. Mitologia Grego-Romana. Trad. Aldo Della Nina. São Paulo: Opus, 1991.



PROPP, Vladimir I. Morfologia do conto maravilhoso. Trad. Jasna Paravich Sarhan. Rio de Janeiro: Forense-Universitaria, 1984.

SARMENTO, Octávio Sarmiento. A Uiara & outros poemas.- Organizado e estudo de texto por: Zemaria Pinto – Manaus: Editora Valer, 2007.

SOUZA, Márcio, Expressão amazonense. 3. ed. Manaus: Editora Valer, 2010.

MONTEIRO. Mário Ypiranga. Fases da literatura amazonense. Manaus; Imprensa Oficial, 1977.

OBRAS CONSULTADAS

BEZERRA, José Denis de Oliveira. Literatura amazônica: para que? 2011. CULTURAS, LINGUAGENS E INTERFACES CONTEMPORÂNEAS (Simpósio).

PROENÇA FILHO, Domício. A linguagem literária. 8.ed. São Paulo: Ática, 2007. – Séries Princípios.

SAID, Edward W. Culture and Imperialism. Londres. 1993.